

*Predicativo do sujeito: história intelectual de um germânico a serviço da corte portuguesa na Amazônia **

JORGE NASSAR FLEURY**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Partindo do trabalho de cartografia de um engenheiro militar, o germânico Gaspar João Geraldo de Gronsfeld (1716-1779), este estudo analisa a representação da Amazônia na segunda metade do século XVIII, a partir de seus dois projetos de fortificação e demarcação na cidade de Belém, capital do antigo estado do Grão-Pará. Foi necessário uma investigação sobre a formação intelectual de Gronsfeld às faces da ilustração franco-alemã, os seus contatos com o mundo Português e sua participação na Expedição Demarcadora de Limites do território luso-americano no norte do Brasil (1753 - 1779). A partir desta experiência de Gronsfeld, foi feita uma leitura gráfica, conceitual e histórica dos mais importantes projetos de fortificação para a defesa de Belém, como parte da análise da história intelectual e imagens da época da Amazônia Colonial.

Palavra-chave: Belém; História Urbana; Gronsfeld.

Abstract: Starting from the cartography work of the military engineer, the German Gaspar João Geraldo de Gronsfeld (1716-1779), this study analyses the Amazonian representation in the second half of the XVIII century, from his two projects of fortification and demarcation in the city of Belém, in Pará, Brazil. To attempt this, it was necessary an investigation of the

* Artigo submetido à avaliação em 27 de julho de 2013 e aprovado para publicação em 2 de setembro de 2013.

** Doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jorgefleury@gmail.com.

intellectual education of Gronsfeld in the boards of the German and French illustration, his contacts with the Portuguese world and his participation in the Demarcation Expedition of the Portuguese Territory in the north of Brazil (1753-1779). From this Gronsfeld experience, I did a graphic, conceptual and historical reading of the most important fortification projects to the defense of Belém, as part of the analysis of the intellectual and imagery history of the Colonial Amazonian time.

Keywords: Belém; Urban History; Gronsfeld.

Podemos definir que este artigo ganha vida quando da chegada dos engenheiros militares em terras distantes¹. Mais precisamente no ano de 1753, chegaram a Belém, no estado do Pará, profissionais e técnicos destinados às tarefas demarcatórias da coroa em seus domínios coloniais. Não por acaso, no meio dessa leva de *personas* que iriam atuar do lado oposto ao qual eram acostumadas a viver do oceano Atlântico, percebe-se a presença de uma figura chamada Gaspar João Geraldo de Gronsfeld (1716-1779), figura central do presente estudo. Este sujeito germânico chega ocupando a função de capitão engenheiro junto com Gregório Rebello Ribeiro Camacho. Um grupo de onze homens compunha esta recém chegada leva de profissionais: o padre Ignácio Szentmartony, astrônomo; João Ângelo Brunelli, matemático; Sebastião José da Silva, sargento-mor engenheiro; João André Shewebel, capitão-mor engenheiro; Henrique António Galuzzi, Adam Leopold de Breuning e Philippe Sturm, ajudantes engenheiros; Manuel Gotz, tenente; José Antônio Landi, desenhador; além de Gronsfeld e Ribeiro Camacho já supracitados (RIBEIRO, 1951).

Chegaram compondo o que foi designada de Comissão Demarcadora de Limites (REIS, 1993). Como já se mostra explícito no nome, vieram com o intuito de levantar e demarcar a área colonial americana. Esta comissão,

¹ Sobre os engenheiros militares ver em AIRES, Cristóvão. História da Engenharia Militar Portuguesa. In: *História Orgânica e Política do Exército Português*. Provas, Vol. V, VI, VII, VIII, Lisboa, 1923.

junto com uma série de outros fatores, medidas e deliberações representavam interesses e manobras políticas portuguesas sobre seus domínios territoriais coloniais. Uma vasta produção textual e imagética foi realizada por estas pessoas na região neste período (ADONIAS, 1963). Estas representações iconográficas feitas são imagens que nos permitem a realização de profundos mergulhos no passado. Imagens que nos propiciam um melhor entendimento das formas por meio das quais as pessoas, no passado, se apropriaram da memória cultivada individual e coletivamente. Ainda permite-nos pensar no presente, no contexto citadino atual e nas ideologias dos debates relacionados às formas de modificar ou dar continuidade para o que há muito se fez, percebendo o viés dos interesses, problemas, técnicas e olhares sobre o espaço público pretendido e necessitado pelos meios modernos de vida.

As imagens cartográficas, além de explicitar seu conteúdo intencional, se associadas a outros registros, informações, usos e interpretações, se transformam em verdadeiras certidões visuais do acontecido, do passado, das idéias e pensamentos. Torna-se, portanto, uma fonte com relevante representação social. Esta é agora utilizada como registro histórico, realizadas por meio de ícones, desenhos, impressões, pinturas ou, como no caso específico de Gronsfeld, de cartografias. No caso da produção de João Gaspar, necessitamos saber o que pretendemos extrair dele, abrindo margem para diversas interpretações, tornando cada peça feita um cofre de informações. Essas imagens são hoje percebidas como uma das mais ricas fontes históricas. Um mapa traz consigo seu produtor, no caso Gronsfeld, e todo o contexto da época de sua execução. Tendo a força e peso de qualquer outra fonte histórica, tem que ser desbravada com cautela (BLACK, 2005). Comuns os momentos em que acabam sendo tomadas como verdades absolutas, como se estivessem retratando fielmente uma ideologia, uma paisagem, uma época. A iconografia se torna mais perigosa quanto é seu

detalhamento e nível de acabamento, o que as deixa mais próximas de uma "realidade"².

A abordagem dessa cartografia pode se tornar um problema se não for feita com rigor científico, sobretudo se for realizada uma leitura superficial e sem maiores aprofundamentos. Ler uma imagem, assim como uma representação textual tal como aprendemos quando alfabetizados, carece de instruções e aprendizado (BUORO, 2002). Para entender melhor estes itens, quando é realizada a leitura da cartografia de Gaspar Gronsfeld, precisa-se estar atento às perguntas que serão feitas às fontes para obter os enfoques desejados. Tudo que aprendemos e fazemos nesta vida, mesmo que tecnicamente, realizamos a partir de uma vivência própria e única. Os resultados de nossos trabalhos estão diretamente incrustados com tudo o que vivemos e pensamos, com nossa educação e formação intelectual. Se nos propomos a analisar a produção de um ser humano precisamos ter ciência que estes itens também estarão englobados em seu resultado. Como Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) registrou: tudo que sabia do mundo, mesmo por ciência, sabia a partir de uma visão própria ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada (MERLEAU-PONTY, 2006).

Gronsfeld, a partir de sua visão própria do mundo, evidenciava os movimentos religiosos em suas atitudes, o que incomodava os homens da igreja cujas perspectivas estavam em vigor à época nas terras coloniais do Grão-Pará (GUZMÁN, 2003). Foram estes motivos que o fizeram ser preso quando recém chegado em Macapá³. Basta recordar que, com a chegada da Visita da Inquisição a Belém, foi denunciado por crimes graves que poderiam

² Sobre a iconografia cartográfica ver: BUENO, Beatriz P. Siqueira. A Iconografia dos Engenheiros Militares no séc. XVIII: instrumento de conhecimento e controle do território. In: *Colectânea de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Lisboa: CNCDP, 1998.

³ Ofício do [governador da Praça de São José de Macapá], Manuel da Gama Lobo de Almada, para o [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre os desafios propostos pelo sargento-mor e engenheiro, Gaspar João Geraldo de Gronsfeld, e explicando as razões que o levaram a recusá-los, bem como a proibição de prender aquele oficial, 12 de julho de 1771, São José do Macapá. AHU_ACL_CU_013, Cx. 67, D. 5759.

levá-lo a fogueira (FIGUEIREDO e NUNES, 2002). A 10 de outubro de 1763, comparece diante da mesa do inquisidor Giraldo José de Abranches, o padre Miguel Ângelo de Moraes, de 67 anos. Denunciando o capitão Gronsfeld, afirmava ter escutado o engenheiro dizer, em discussão acerca da teologia, “que Deus parecia iníquo, porque sabendo que uma alma se perderia neste mundo, mesmo assim a enviava para viver na terra”. O padre indignado deu inúmeras explicações ao militar que afirmavam ser as doutrinas proferidas por ele heréticas, explanando, dentre outras coisas, o livre arbítrio. Continuando sua denúncia, o padre disse ter Gronsfeld proferido uma blasfêmia ao dizer que “muitos santos cujas imagens estão nos altares estão ardendo suas almas nos infernos”⁴. Estabelecendo um discurso entre eles sobre a proclamação dos santos. O padre afirmava serem os papas, baseado em sua infalibilidade, os declaradores dos santos. O engenheiro replicava dizendo que o papa era humano e como tal, sujeito a falha.

Ao destacar a importância destes ideais religiosos na vida de Gronsfeld, detecta-se que é a leitura da vivência do mesmo que nos permite entender estes símbolos de crença e o que eles representam na vida do ator social aqui analisado. Por exemplo, no cristianismo, que desde os primeiros tempos utiliza a imagem e as representações como instrumentos pedagógicos, o convencimento, legitimação, o conhecimento e a própria fé foram sempre devedores da iconografia, mesmo sendo a prática de fazer Deus e do Cristo, do homem semelhante, condenada pelos textos bíblicos, até, pelo menos, o século VI. As imagens traduziam as palavras sagradas. Por isso chamada, hoje, de pedagógicas, pois elas ensinavam, dogmaticamente, sobre a história, os homens, o mundo, sobre Deus e o paraíso celestial para as pessoas antes mesmo de saberem ler e escrever. Quando um alguém é solicitado para recriar uma imagem de algum santo, por exemplo, vai recriar a partir do que já previamente aprendeu e viu.

René Descartes (1596-1650) e, sobretudo Immanuel Kant (1724-1804), desligaram o sujeito da consciência, mostrando que uma pessoa não

⁴ *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769)*. Organização e apresentação de José Roberto do Amaral Lapa. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 144-146.

poderia apreender nada como existente se primeiramente não se experimentasse existente no ato de apreendê-la⁵. Fizeram aparecer a consciência, a absoluta certeza da existência da pessoa. Distintamente do retorno idealista à consciência e a exigência de uma descrição pura, isso acaba por excluir tanto a análise reflexiva como a explicação científica, em suma, essa é uma condição sem a qual nada haveria, sendo necessária uma análise cartográfica de ambas as situações, da artística e da científica, para um completo entendimento. Exatamente o que acontece quando lemos os mapas de Gaspar Gronsfeld. Se ele chegou ao continente colonial luso e realizou levantamentos ou idealizou projetos, isso se deve a sua vivência e formação. Seu traço, seu desenho, sua representação, suas idéias postadas no papel estão todas relacionadas com seu contexto e educação.

Ressaltando que a função do espaço é de reter o tempo comprimido, contando a história de vários tempos, como afirma Gaston Bachelard (1884-1962), foi isolado uma essência íntima e concreta do engenheiro em sua terra natal de vida cortesã para a justificação do valor singular de todas as imagens. Explicitando a tarefa do fenomenólogo em busca do ponto inicial da vida do autor estudado, chegamos ao Império Germânico do início do século XVIII, terra natal de Geraldo Gronsfeld. Local berço de toda a sua erudição e educação, a Alemanha vivia um efervescente campo cultural, filosófico e político.

Estas querelas religiosas acima expostas foram parte constitutiva na formação de Gronsfeld na Alemanha. Lá, passou-se da reforma luterana ao pietismo de Philipp Jakob Spener (1635-1705), um teólogo cristão alemão, e de August Hermann Francke (1663-1727), um protestante (LINDBERG, 2005). A doutrina pietista tinha como tema central a experiência do crente com Deus, sua condição de pecador e o caminho para sua salvação.

⁵ Sobre a “filosofia” de Descartes e Kant, vide RODIS-LEWIS, Geneviève. *Descartes: initiation á as philosophie*. Paris: J Vrin, 1964; DESCARTES, René. *The philosophical works of Descartes*. London: Cambridge University Press, 1967; NEGRI, Antimo. *La comunità estetica in Kant*. Bari: Adriatica, 1968; CAIRD, Edward. *The critical philosophy of Immanuel Kant*. Glasgow: Maclehose, 1889; MURPHY, Jeffrie. *Kant: the philosophy of right*. London, Macmillan,

Desapegada do mundo material e firmada no apoio mútuo da comunidade reunida em culto ao redor do estudo da bíblia, os pietistas desenvolveram uma modalidade ascética, por vezes áspera, especialmente no que tange a alimentação, vestimenta e lazer (GAWTHROP, 1993). Era dada ênfase do contato direto da pessoa com Deus. Para os protestantes a autoridade da igreja está vinculada a obediência da palavra de Deus e não a sucessão apostólica. Assim sendo, a igreja cristã existe onde se escuta a palavra de Deus. A passagem de Gronsfeld pela Inquisição portuguesa revela o conteúdo pietista de sua crença em Deus, mais do que isto: revela também o choque de suas idéias com o catolicismo tridentino vivido no Grão-Pará da época.

Por volta de 1781, no período de maturidade intelectual e profissional de Gronsfeld, a filosofia alemã estava imbuída do conteúdo racionalista sistemático de Christian Wolff (1679-1754) e do idealismo de Kant. Wolff, nascido em Breslau, na Silésia, hoje Wrocław, na Polônia, foi um filósofo, matemático e cientista, conhecido por ser o porta voz alemão do movimento Iluminista (ECOLE, 1985). Neste ano de 1781, Kant produziu seu livro *Crítica da razão pura* onde, transitando em uma história universal cosmopolita de sua filosofia crítica, considerada por ele como “idealismo transcendental”, mostrava tempo e espaço como formas fundamentais de percepção, afirmando não poder a mente humana imaginar algo fora do tempo e sem extensão do espaço. Segundo o filósofo, os juízos sintéticos só são possíveis pela faculdade da razão, entretanto escreve não poderem ser as coisas empregadas fora do campo do experimento, não podendo conhecer aquilo que está fora do campo fenomenológico da experiência (KANT, 2001). Kant, tendo estabelecido suas idéias sobre história universal de um ponto de vista cosmopolita (KANT, 2004) em 1784, e marcado como pensamento inaugural da filosofia da história alemã, através dessa perspectiva civilizacional e racional, pode ser relacionado à perspectiva de Gronsfeld, principalmente em seu projeto urbano para a cidade de Belém quando propõe as muralhas em

torno da cidade. Neste ele revela sua característica ao preservar o alagado do Piry e, conectando-o ao rio por intermédio de comportas, distribui casas no entorno do lago então criado, permitindo que cada morador da localidade tivesse seu barco, ou canoa, ancorado bem a porta de suas residências (ver Fig. 2).

Ainda em seu ambiente de formação, percorre-se da música barroca à música clássica, com a contribuição essencial dos compositores originários do espaço de língua alemã, como é o caso de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), compositor que nasce e cresce na região alemã neste mesmo ambiente de Gaspar Gronsfeld, tendo o músico nascido três anos depois que o engenheiro chega a Amazônia. Este século marca na Alemanha a saída de um contexto onde predominava a ausência de um estilo nacional à gradual conscientização da existência de uma língua e literatura alemã. O ambiente estimulava o individualismo, a originalidade, a liberdade especulativa, a sinceridade lírica e, principalmente, a abertura ao exterior (SANCHES, 2002).

Politicamente, o Sacro Império Romano Germânico, também conhecido como I *Reich*, continuou com esta denominação na virada do século XVII para o seguinte, entretanto todo discurso da universalidade – novamente fazendo referência ao conceito kantiano da história universal – e de um governo centralizado havia se perdido. O Império estava eclipsado pela França e Inglaterra. A Idade Média foi palco de grande rivalidade entre Itália e Alemanha. Esta região viveu constante e ativa movimentação territorial, com brigas pelas posses e controles, gerando um forte conhecimento destas duas partes no que concerne aos planos cartográficos e representacionais (LIBERA, 1999). Isso, junto com a noção da universalidade do Império português com sua força ultramarina de colonização, justificava a corrida lusa por profissionais destas duas localidades para suas tarefas demarcatórias nas terras coloniais. No início do século XVIII, não era possível estabelecer os limites da Alemanha. A Prússia, convertida em um reino independente em 1701, estava fora do Império, a Pomerânia era sueca, Oldenburg dinamarquês, o eleitor de Hannover era o rei da Inglaterra, o landgrave do Hessen era o rei da Suécia e o duque de Holstein, o czar da Rússia. A fragmentação era tanta que, em épocas, chegou

ao ponto de existirem 1500 soberanos. Muito se contribuiu, também, com a arquitetura, não sendo poucos os importantes monumentos e edificações do Barroco alemão.

Quando buscada referências para as análises artísticas inseridas nos mapas produzidos por Gronsfeld, deparamo-nos com os escritos teóricos de Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), escritor, filósofo e crítico de arte alemão (LESSING, 2005), e de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) e a sua harmonização entre arte e estética. Este último tinha formação de arqueólogo e historiador da arte⁶. Assim como a política, a literatura, a filosofia, outro contexto que influenciou bastante a formação intelectual dos europeus foi a existência de algumas diferenças conceituais artísticas entre os povos do norte e os do sul deste continente. Uma das principais diferenças é na concepção artística italiana em contraposição com a arte holandesa, que teve efervescer no século XVII. Svetlana Alpers afirma ser a arte do norte baseada na descrição dos fatos, na representação de cenas do cotidiano, retratando o que é comumente classificado como cenas de gênero. O sentido dessa arte, por sua própria natureza, está englobado no que o olho pode captar. Fazendo uso da nova tecnologia da época, a utilização das lentes e a captação de imagens com a câmera escura, as imagens passam a estar conectadas à vista e à visão. Estas imagens eram parte de uma cultura especificamente visual, em oposição à cultura artística textual italiana (ALPERS, 1999). Apesar deste fenômeno perceptivo de forma plena e criativa da execução de imagens ser realizado na Holanda, este se espalha pelo continente europeu, principalmente nos países vizinhos, como o Império Germânico de Gronsfeld. Os artistas cronistas viajantes que por estas terras viajavam, vinham com o intuito e a ordenação de descrever o ambiente natural selvagem e cidadão colonial, retratar o que viam em pinturas, desenhos e mapas (ADES, 1997).

⁶ Acerca desta temática, ver em WINCKELMANN, Johann Joachim. *Pensieri sull'imitazione*. Palermo: Aesthetica Edizioni, 1992; WINCKELMANN, Johann Joachim. *History of the art of antiquity*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2006.

A arte holandesa pode ser considerada como taxonomista do comportamento social. As pinturas documentam ou representam este comportamento (FIGUEIREDO, 2004). O modo de representação é antes fundado na forma de tornar o assunto abordado conhecido. Isto acaba por quebrar várias fronteiras, pois esta arte esta sujeita a confundir-se com a vida. Esta produção holandesa baseada na descrição, comercializada nos mercados, visual, representando cenas vividas afrontava a italiana narrativa, encomendada, textual (ALPERS, 1999). A abertura às novas tecnologias retratava esta interação artística com a cultura do povo. Todas as descobertas científicas e avanços feitos eram rapidamente absorvidos pela classe artística representacional. O avanço das lentes do microscópio, por exemplo, fizeram com que Constantijn Huygens (1596-1687), poeta e humanista nortista, saudasse como espantoso este deslocamento humano, afirmando que “a medição que geralmente fazemos das coisas é variável, não confiável e fátua”, completando ao dizer que “na medida em que acreditamos poder eliminar qualquer comparação e discernir qualquer grande diferença de tamanho pelo mero testemunho dos nossos sentidos” (COLIE, 1955, p. 17). Este novo fato foi rapidamente absorvido pelos homens das artes e logo estavam pintando e descrevendo os seres que viam através dessas lentes, recriando todo tipo de vida animal diminuta em demasia para ser fielmente observada a olho nu. As tecnologias implementadas no desenvolvimento cartográfico, como as lentes, o relógio de pêndulo, sextantes, a utilização das lentes telescópicas e da câmera escura para aprimorar a representação pictórica, dentre outros, também está ligado com a abertura às novas tecnologias holandesas e com o que era absorvido por Portugal através de profissionais contratados pela coroa, como é o caso do engenheiro aqui em voga.

A cultura visual na Holanda era básica para a vida social. Para esta sociedade o olho era instrumento fundamental e a experiência visual forma básica de autoconsciência. Se na Inglaterra de Elizabeth o teatro era a arena onde o país melhor representava a si mesmo, as imagens ocupavam este papel para os holandeses. Estas imagens estavam estampadas em todos os lugares do país. Eram impressas em livros, tecidos, tapeçarias, toalhas de mesa, dentre vários outros lugares. Se havia como fazer, e suporte para isso,

os holandeses pintavam. Representavam tudo, de insetos e flores aos índios brasileiros em tamanho real. Não é ao acaso que, se listarmos o retratado na América lusa, principalmente na segunda metade do século XVIII, os itens representados serão iguais ou com temáticas parecidas a estas artes descritivas holandesas.

Outra grande força do local era a grafia cartográfica, nas quais representavam a Europa para os holandeses. Os atlas são uma forma decisiva de conhecimento histórico a partir das imagens e, segundo Alpers, “cuja ampla divulgação devemos aos holandeses” (ALPERS, 1999, p. 39). Os formatos destes atlas foram aumentados no século XVII e envolviam tanto questões de ordem pictórica como de função social. Enquanto nos outros lugares as batalhas seriam representadas em um grande painel histórico especificamente para o rei e sua corte, os holandeses disseminam e, até certo ponto, criam um novo mapa popular. Representação esta que vamos perceber sendo realizadas nas longínquas terras coloniais portuguesas na América. Os engenheiros à serviço da corte portuguesa, no caso Gronsfeld, ao representar os mapas, discriminavam detalhes e se preocupavam em fazer deles entendidos por grande parte das pessoas. Ao os observar, detectamos a presença de um traço mais detalhado, definido e acabado, com utilização de cores para melhor representar florestas, rios, ruas ou edificações. Tudo era feito para tornar o mapa mais popular (ver Fig. 1 e 2 em anexo).

Estas diferenças entre o povo do norte e do sul europeu é explícita em vários momentos históricos, como podemos perceber nas acirradas guerras musicais entre os compositores Amadeus Mozart, do norte, e Antonio Salieri (1750-1825), italiano. As diferenças acentuadas ecoaram no continente americano colonial, pois os profissionais contratados pelos portugueses levavam consigo estes contextos, coisas intrínsecas de sua personalidade e formação. Ao analisar os trabalhos de duas personalidades contratadas pelos lusos para trabalhos nas terras coloniais, como Gaspar Gronsfeld, alemão, e Antonio Landi, bolonhês (MENDONÇA, 2003), percebemos estas diferenças culturais ganhando espaço em suas respectivas produções. O arquiteto italiano ficou mais conhecido por conceber projetos e executar obras de edificações importantes que lhe era encomendado pelos

governantes, o que fazia referencia a arte italiana textual, de interpretação do que lhes era encomendado. Já o engenheiro alemão ficou encarregado de analisar as cidades por onde passava e detectar problemas em sua formação, remodelar seus projetos urbanos e implementar suas alterações. Este último ainda é detentor de um dos projetos mais importantes à época, do ponto de vista conceitual, da cidade de Belém: pensando em como melhorar a defesa da cidade, Gronsfeld elabora uma série de projetos nos quais programava uma muralha ao redor da cidade (REIS, 1949).

No projeto comentado Gaspar Gronsfeld inclui, pela primeira vez na cidade de Belém, o diálogo com a natureza que a circunda. É pensada, com detalhes, a utilização dos elementos naturais do seu entorno. Devemos entender aqui que o sentido de natureza carrega consigo uma grandiosidade de história humana (WILLIAMS, 1980). Interessante, para uma melhor e mais fiel compreensão, é tomar como ponto de partida esta relação humana com a natureza. Este termo muda fundamentalmente de sentido no decorrer da linha temporal, passando a, não apenas designar, como descrever o mundo, o ambiente. Neste ponto a reflexão se volta para o que este termo passa a abordar. Esta palavra possuía significados diversos e, mesmo se a restringirmos ao mundo físico, ainda encontraremos dubiedades e mudanças de sentido e significados. Isso é importante porque, mais do que descrever ou qualificar o ambiente, este termo incorpora a própria percepção do homem sobre o homem e do homem sobre o homem em sociedade. Estas transformações do sentido do termo natureza se explicam pelo fato delas revelarem percepções diversas sobre o próprio ser humano e sobre momentos diferentes do ser humano.

As idéias vão se transformando e junto com elas seus sentidos. A natureza e a relação do homem com o ambiente natural revelam projeções de idéias sobre o próprio homem. Em fins do século XVIII já podíamos perceber a preocupação e o respeito do humano com este mundo físico. Na Amazônia, em 1781, encontramos relatos de precaução quando se trata de expedições neste mundo “sombrio”:

[...] Que no número dos mais militares, principalmente dos soldados, se compreendem os que, com conhecimento de diversos ofícios, além de pescadores e caçadores, se considerou pedirão ser necessários a diferentes ministérios do serviço da expedição. [...] Que os dois pilotos numerados das sobreditas canoas, um deles vai como prático da parte superior do Rio Jupurá.⁷

Entendemos aqui as relações do homem com o mundo natural. No caso de Belém, o morador da cidade via algumas áreas naturais absolutamente aproveitáveis como espaços insalubres. É o caso do alagado do Piry. O que Gronsfeld observou como potencial área de beleza e utilidade pública projetando comportas para a formação de um lago, a população teve como espaço doentio, um câncer na cidade que deveria ser expurgado. O pensamento coletivo acaba por vencer essa batalha e em 1791 é executado um projeto pelo engenheiro Theodósio Constantino de Chermont, onde prevê aterrar o dito problema.

A incorporação das idéias de evolução das espécies pelo pensamento ocidental não só transforma a percepção que se tem sobre o mundo físico, mas levanta a idéia que ele tem história. A evolução põe um tempo neste mundo, onde as espécies se transformam. Como Raymond Williams afirma ter sido um momento significativo para o desenvolvimento das idéias o final do século XVIII, com o vigor da personificação da natureza, relatando que “a natureza própria tinha história e, portanto, poderia ser vista como histórica, talvez a força histórica” (WILLIAMS, 1980, p. 73). Essa discussão sobre evolução, um momento ímpar na evolução das idéias e do sentido do próprio termo natureza, incorpora não só a história e o tempo na percepção do que é natureza, como também significa uma reflexão sobre o próprio ser humano. Se este pode ser pensado inclusive dentro desse tempo evolutivo, ou não. Esta idéia de natureza tendo sua história, também significa que pode ser observada, experimentada e, principalmente, estudada.

⁷ APEP, carta de diversos, acervo manuscrito da época colonial. Questões de Limites, Fronteira espanhola, 1781. C.375 D. 2

Isso acaba por ser uma discussão de como o homem se insere neste tempo e nessa história. Obviamente aqui não se está descrevendo apenas o mundo físico, pois esta percepção também revela e incorpora a própria história do homem. Independentemente das questões específicas, surge-nos uma inquietação em saber: de que maneira as percepções sobre o mundo natural nos ajuda a entender o homem e o homem em sociedade? Keith Thomas comenta estas novas percepções decorrendo de processos sociais muito específicos, como a urbanização (THOMAS, 1996). É baseado neste conceito amplo que Gronsfeld quebra as barreiras e vence o receio de enfrentar a natureza adequando-a ao seu projeto urbano. É a primeira vez que alguém aborda o alagado do Piri que, situando-se nas encostas oeste de Belém, representava uma barreira natural para o crescimento e desenvolvimento da cidade.

Gronsfeld elaborou dois diferentes planos para a fortificação da cidade, sendo sua proposta, em ambos, a implantação de uma muralha. Na primeira, mais cara e ousada, esta proteção circundava a cidade como um todo; na segunda e mais barata, apenas a região mais alta da cidade, o que foi concebido como núcleo primeiro de instalação urbana, a Cidade (hoje conhecida como Cidade Velha), era protegida. O anel urbano de Belém a esta época era formado por dois núcleos principais, a Campina e a Cidade Velha. Este último, instalado em uma área com cota mais elevada, abrigava os principais edifícios da cidade e era balizado, de um lado pelo rio, a nordeste pelo bairro da Campina e a sudeste por um pântano, designado de Alagado do Piri.

Na proposta que carecia de maiores recursos (Fig. 1), o engenheiro alemão projetou uma dupla muralha, formando um fosso entre elas. No decorrer da muralha foram projetados seis baluartes. O alagado do Piri foi isolado e sugerido um constante lago que ficaria na parte sudeste da muralha, desta forma, mais de 60% da muralha seria envolta de água, deixando apenas uma pequena parcela de terra firme em sua encosta. Um ponto interessante acha-se quando percebida a rosa dos ventos do mapa que na cartografia da cidade de Belém aparece, desde o século XVII, apontando o norte para a parte inferior esquerda do desenho. Isto saía do padrão estabelecido nos

mapas internacionais desde o século XVII onde o norte era apontado a 90° para a parte superior do suporte representado (BLACK, 2005). Esta grafia só foi padronizada no século seguinte, quando a cidade já estava mais ampla e necessitava ser representada em outra escala.

É de fácil detecção as principais construções da cidade, uma vez que estas estão representadas no mapa com cores mais fortes. A cadeia São José encontrava-se fora da muralha do outro lado do lago, deixando ainda mais isolado os desordeiros. Na parte sul da cidade, também fora do cinturão fortificador, estava o arsenal Boaventura. Na parte mais a noroeste da cidade, se fazendo como projeção para o rio, porém internamente à muralha, estava o Forte de Santo Cristo e, em uma análise mais aprofundada, este protegia diretamente a praça central onde estavam as principais edificações da cidade, como o Palácio, a Igreja da Sé, o Convento e os aparatos militares. Isto mostra bem a configuração simbólica da cidade, que tinha como principais forças atuantes o Estado e a Igreja. A composição e distribuição dos equipamentos urbanos nos projetos era extremamente rica em simbologias e ritos, como já foi visto. A praça usada como matriz projetual estabelece referência mitológica inequívoca, identificada com o centro da cidade, reforçando a idéia de centro do mundo, berço da vida (ARAÚJO, 1989). A instalação do pelourinho só vem enfatizar este pensamento. Os contornos das praças são marcados pelos edifícios mais representativos como a igreja, a câmara, a cadeia e o palácio dos governadores. Este conjunto reforça o termo centro do mundo, sustentado pela religião e Estado (ARAÚJO, 1992).

Para lembrar o leitor desatento, acaba-se por achar a esta altura duas linhas conceituais do espaço urbano. Um sendo o conceito de espaço-matéria, ao qual cabe a responsabilidade do técnico e engenheiro, modelada formalmente; e a noção do espaço documental cultural, moldável em seu aspecto ideológico apenas. Neste ponto que cabem ao espaço citadino edificado atributos que fazem dele um organismo, atuante em conjunto, detentor de força social (CHARTIER, 1988). Neste momento, é uma das primeiras vezes que, como diz Françoise Choay, historiadora francesa de teorias e formas urbanas, o espaço urbano é compreendido como dotado de “formação discursiva autônoma” (CHOAY, 1985, p. 6). A cidade começa a

adquirir vínculo com a própria formação da sociedade. O desenho era o agente através do qual se tornava possível fazer estes estudos. A partir dele entendia-se não só o edifício e a cidade como a população e sua ligação com o lugar onde moravam, onde circulavam e a relação interpessoal que se estabelecia. O edifício e a cidade dividiam-se em desenho, projeto e obra e é justamente no desenho que está imbricada toda a concepção conceitual da forma enquanto representação do real.

É percebido ainda de forma bem acentuada o arruamento. São detectados facilmente os dois pólos da cidade: a Cidade Velha, situada a sudoeste, e a Campina, a nordeste. Apesar de ter certa desconexão no traçado de ambas, elas seguiam um padrão de arruamento retilíneo. Neste ponto é válido também lembrar a discussão da cidade informal da Idade Média⁸ e a formalizada da Renascença.⁹ A cidade irregular medieval vai ganhando o estudo dos urbanistas e junto com isso certa apreciação. Entretanto, apesar desse modelo estar envolto de beleza, romantismo e funcionalidade, a origem do urbanismo português descende da renascença, momento em que uma primeira discussão do ideal urbano toma corpo mundialmente e acaba por se definir o traçado retilíneo de implantação viária como ideal.

A História do Mundo passava por um novo ordenamento, necessitando novos espaços e novas cidades que atendessem as carências da vida da época. Novos estudos ganharam espaço e foram implantados nesse campo os conhecimentos científicos. A noção de *polis* surge como representação desta sociedade. Neste contexto surge o modelo urbanista luso (TEIXEIRA e VALLA, 1999) baseado num modelo irradiado a partir do centro, onde geralmente era instaurada a praça, que tinha uma associação

⁸ Acerca das cidades da idade média ver: JANSON, H. W. *História geral da arte e mundo antigo e a idade média*. São Paulo: Martins Fontes, 2001; LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. Rio de Janeiro: Editora 34; DURAND, Jannic. *A arte na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 200; PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. Lisboa: Editora Europa-América.

⁹ Sobre as cidades da renascença ver: QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. *Cidades renascentistas*. São Paulo: Atual, 2005; BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1997; MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 2001; ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

simbólica a uma figura, em geral o quadrado. Ademais, uma das principais características do sistema geométrico renascentista é a correlação das formas. Os engenheiros portugueses tinham um vasto leque de figuras geométricas em seu acervo, no entanto é de comum opinião o fato da preferida e mais trabalhada entre eles ser o quadrado e seus derivados retangulares (MEIRA FILHO, 1989).

Na outra proposta de Gronsfeld (Fig. 2) podemos dizer que foi feito um trabalho melhor elaborado, mais bem pensado. No lugar do alagado foi projetada uma comporta para manter a água do rio enjaulada uma vez este atingisse o seu nível mais alto. Dessa forma o local viraria um lago constante, acabando por beneficiar a população. No projeto estavam definidas áreas para as casas à roda do lago, a frente de cada rua que levava diretamente para a água, foi pensada uma escadaria, assim as pessoas que habitassem o entorno do lago poderiam ter suas canoas abarcadas em frente a suas residências. Tendo em vista o emaranhado de rios que corta a região amazônica, a população poderia usufruir da melhor forma de tráfego entre as vilas coloniais que poderia existir àquela época (REIS FILHO, 1964). A cadeia São José continuava do lado oposto do lago, porém com maior proximidade em relação as casas ao redor do lago do Piri. O mesmo acontecia com o Arsenal Boaventura.

A maior e mais significativa diferença entre as propostas do engenheiro ficou por conta da extensão da muralha. Nesta proposta ela só circundava a área da Cidade Velha, onde, podendo perceber pela cor mais ressaltada, estavam a maioria dos principais e mais importantes edifícios. No projeto havia oito baluartes para uma melhor visibilidade e defesa. A parte fortificada se comunicava com a área externa em apenas três pontos. Uma porta que ligava a cidade murada a Campina, e outras duas passagens a ligava diretamente com o Piri. Na parte interna próximo a essas portas que ligavam direto ao Lago encontravam-se no projeto armazéns públicos, bem como em outros dois pontos da cidade murada.

Um dos pontos mais interessantes que se pode analisar nos dois mapas é o detalhamento, acabamento e cuidado com a finalização e representação dos equipamentos, terreno, vegetação, ruas e tudo o que o

compõe. Perceber como eram representados com distintas cores e grafismos os diferentes tipos de vegetação que rodeavam a cidade, tendo uma vegetação mais consistente representada em tonalidade amarela e com grafismo de árvores mais altas, conclusão tirada pela dimensão da sombra que estas projetam no solo em contrapartida das projetadas pela vegetação na tonalidade acinzentada, de uma região alagadiça na margem do rio. Neste também se percebe um tratamento artístico acentuado, sendo executado um gradiente na tonalidade azul, ressaltando a profundidade do rio.

Fato também presente na preocupação do autor com o arruamento, sendo bem delimitado com díspares matizes o espaço rua, do espaço privado, do espaço edificado público, ressaltando o conceito da cidade pombalina da época (MENDONÇA, 1960). A cidade pré-concebida por Pombal não abordava objetos urbanos, monumentos, edifícios e nem mesmo suas magníficas fachadas como o centro de sua imagética. O tema e a valorização principal era pelo espaço urbano, o espaço-rua, o espaço-praça (ARAÚJO, 1992). Estes sim eram imbuídos de toda a significância de valor, objetivado em si mesmo e por si mesmo (ALMEIDA, 1974). O espaço-rua não se fez novo no contexto pombalino. Já era praxe entre os “arruadores” por criarem as cidades através das ruas e definirem a idéia a partir deste espaço. O espaço-praça tampouco foi novidade, se tornando a marca da representação espacial do poder colonizador.

No urbanismo pombalino estão as linhas iniciais para as conclusões deste artigo. Analisando os mapas e os contextos intrínsecos ao seu executor, percebemos uma adequação de seu aprendizado e formação intelectual às exigências de seu novo empregador, o Estado luso. Projetando o que era demandado, procurava soluções para problemas citadinos dentro do leque de opções e conhecimentos adquiridos ainda em sua terra natal, no decorrer de sua educação juntamente com o adquirido por ele na América lusa, um *background* muito longínquo um do outro e do presente, tanto no campo político, como no físico e no cultural.

É exatamente a leitura destes mapas, produzidos em determinada época, no caso desta pesquisa, dos mapas de Gaspar Gronsfeld, uma forma de cartografia artística para se fazer entender por toda a população e ter seus

conceitos acolhidos, que se realiza uma interpretação histórica. Fontes estas que tem pouca consideração por grande parte dos historiadores. Os atlas, em geral livros com mais da metade do seu conteúdo formado por mapas, costumam ser vistos como referências básicas, como cronologias, dicionários e enciclopédias. As imagens visuais proporcionadas pelos mapas influenciam a criação e sustentação de situações históricas. Recentemente, por conta de um crescente interesse em percepções de poder, comunidades políticas e aspectos iconográficos da autoridade política e cultural, os mapas vêm ganhando espaço. Considerar o passado destes mapas nos dá oportunidade de discutir seu potencial presente e futuro. Junto com esta leitura, observamos e avaliamos como o conteúdo destes mapas mudou através do tempo.

Referências

- ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica* (2 vol.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.
- ADES, Dawn. *Arte na América latina*. São Paulo: Cosac Naify, 1997.
- AIRES, Cristóvão. *História da Engenharia Militar Portuguesa*, in “História Orgânica e Política do Exército Português”, Provas, Vol. V, VI, VII, VIII, Lisboa, 1923.
- ALMEIDA, P. V. *A arquitetura do século XVIII em Portugal – Pretexto e argumento para uma aproximação semiológica*. Braga, 1974.
- ALPERS, S. *A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1997
- BLACK, Jeremy. *Mapas e história, construindo imagens do passado*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- BUENO, Beatriz P. Siqueira. A Iconografia dos Engenheiros Militares no séc. XVIII: instrumento de conhecimento e controle do território. In: *Colectânea de Estudos Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Lisboa: CNCDP, 1998.

- BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: EDUC e Cortez Editora, 2002.
- CAIRD, Edward. *The critical philosophy of Immanuel Kant*. Glasgow: Maclehose, 1889.
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão editorial, 1988.
- CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- COLIE, R. *Constantijn Huygens and the rationalist revolution*. Tijdschrift voor Nederlandse Taal en Letterkunde, 1955.
- DESCARTES, René. *The philosophical works of Descartes*. London: Cambridge University Press, 1967.
- ECOLE, J. *Introduction à l'opus metaphysicum de Christian Wolff*. Paris: J. Vrin, 1985.
- FIGUEIREDO, A. M. A fundação da Cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará, de Theodoro Braga. *Nossa História*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, p. 22-26, 2004.
- FIGUEIREDO, A. M. e NUNES, B. Luzes e sombras do iluminismo paraense. In: José Maia Bezerra Neto; Décio de Alencar Guzmán. (orgs.). *Terra matura: historiografia & história social da Amazônia*. 1 ed. 19-28. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- FRANÇOISE, C. 1985. *A regra e o modelo, sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1985.
- GAWTHROP, Richard L. *Pietism and the making of eighteenth-century Prussia*. New York: Cambridge University Press, 1993.
- GUZMÁN, D. A. 2003. Ciência e Censura: a Inquisição e os engenheiros-matemáticos no Grão-Pará (séc. XVIII). In: *Seminário Internacional Landi e o século XVIII na Amazônia*, Belém, Pará, v1. Brasil.: MPEG/UFPA/SECULT, 2006.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. (1781). Col. Obra Prima. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- KANT, I. 2004. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Martins Fontes.
- LESSING, G. E. *Philosophical and theological writings*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2005.
- LIBERA, Alain de. *Pensar na idade média*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LINDBERG, C. *The Pietist theologians: an introduction to theology in the seventeenth and eighteenth centuries*. Malden: Blackwell Pub5, 2005.

- LLANO CIFUENTES, Alejandro. *Fenómeno y transcendencia en Kant*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1973.
- MALCHER DE ARAÚJO, Renata. A Engenharia Militar e o Urbanismo. In: *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.
- MALCHER DE ARAÚJO, Renata. *As cidade da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Lisboa: FAUP publicações, 1992.
- MEIRA FILHO, Augusto. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará, fundação e história*. Belém, 1989.
- MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. *Antonio José Landi (1713-1791): um artista entre dois continentes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.
- MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. *A cidade da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Lisboa: FAUP publicações, 1992.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1945].
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. Lisboa: Editora Europa-América
- QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. *Cidades renascentistas*. São Paulo: Atual, 2005.
- RIBEIRO, Freitas. *Grandes viagens portuguesas de descobrimento e expansão: antecedentes históricos, sinopses e esquematização cartográfica*. Lisboa: Ministério do Ultramar, 1951
- REIS, Arthur César Ferreira. *As Fortificações da Amazônia no período colonial*. In.: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, n. 344, jul/set 1984. p. 217-227.
- REIS, Arthur César Ferreira. *Limites e demarcações na Amazônia Brasileira*, 2 vols. Belém: Secretaria do Estado da Cultura, 1993. Volume 1: A fronteira colonial com a Guiana Francesa; Volume 2: A fronteira com as colônias espanholas.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Catálogo de Iconografia das Vilas e Cidades do Brasil Colonial: 1500/1720*. São Paulo: FAU-USP, 1964.
- RODIS-LEWIS, Geneviève. *Descartes: initiation á as philosophie*. Paris: J Vrin, 1964.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *A invenção do “bomem”*: raça, cultura e história na Alemanha do século XVIII. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2002.

Anexos

Figura 1: Projeto de fortificação da cidade de Belém do Grão-Pará, oferecida ao senhor João Pereira Caldas e executada pelo Engenheiro Gaspar João Geraldo de Gonsfeld.



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, cartografia Pará 808.

Figura 2: Projeto de fortificação da cidade de Belém do Grão-Pará, oferecida ao senhor João Pereira Caldas e executada pelo Engenheiro Gaspar João Geraldo de Gonsfeld.



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, cartografia Pará 806.